



200

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA.  
**A INDÚSTRIA E O  
FUTURO DO BRASIL.**



Confederação Nacional da Indústria  
**PELO FUTURO DA INDÚSTRIA**



EDUCAÇÃO &  
CIDADANIA

# PROFESSORES BEM FORMADOS SÃO A CHAVE DA TRANSFORMAÇÃO



## Rossieli Soares

*Ex-ministro da Educação, foi também secretário de Educação dos estados do Amazonas e de São Paulo, vice-presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e secretário de Educação Básica do Ministério da Educação*

Muita gente gosta de lembrar que “na minha época, a escola era melhor”. Não há como comparar, porque antigamente a educação era para poucos. Nem ao menos havia a proposta de ser para todos. Só a partir da década de 1990, o Brasil tomou a decisão de colocar todas as crianças na escola e tornar o ensino médio uma etapa obrigatória do ciclo escolar. Ter as crianças na escola foi um grande avanço, mas, para ter equidade, a educação precisa oferecer a mesma qualidade. Com a pandemia, a permanência dentro da escola ficou ainda mais difícil.

Nas próximas décadas, precisamos tomar a decisão de dar à educação a mesma prioridade dada a outros temas, como a economia. Todos falam em criar emprego, mas não olham para a educação como o principal fator de geração de empregabilidade. O SENAI (*Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial*) forma, anualmente, milhares de jovens, mas, ainda assim, o total de formados não é suficiente para ocupar as vagas existentes devido à falta de preparo de milhões de desempregados, que não têm a qualificação necessária.

Nas próximas décadas,  
precisamos tomar  
a decisão de dar à  
educação a mesma  
prioridade dada a  
outros temas, como a  
economia.

Não é possível continuarmos com a péssima qualidade de ensino que estamos praticando. Precisamos enfrentar o desafio de dar qualidade à educação que já oferece matrícula. A educação não sobe de patamar sem um pacto nacional, acima de governos do momento, para que ela seja prioritária nos próximos anos e décadas. É necessário olhar para as novas tecnologias e, ainda mais, para as competências socioemocionais. Temos um desequilíbrio na saúde mental dos nossos alunos que exige cuidado redobrado. Uma premissa fundamental para melhorar a qualidade da educação no país é colocar a formação de professores

como prioridade, porque eles vão ser sempre a chave da transformação.

Não é possível escondermos o problema de precarização na formação dos nossos profissionais, ainda mais ao fazermos educação a distância de forma massiva. Partindo de onde partimos, fazendo inserção de muita gente na educação em pouquíssimo tempo, precisamos de um esforço maior do que o de outros países que já investem há 200 anos. São necessários mais investimentos na área, com eficiência gerencial e escolhas baseadas na ciência, para termos o melhor resultado possível, sem desperdícios. A escola não pode ser um mero depósito de crianças. Precisamos de mais dinheiro para superar *déficits*, como escolas sem banheiro e com falta d'água.

A qualidade do ensino, entretanto, depende de outros fatores, e não simplesmente de colocar mais recursos financeiros na educação básica. Não adianta aumentar o dinheiro se a mentalidade de quem está liderando o processo nos municípios não for comprometida com educação. A qualidade depende, também, da liderança política. Temos discussões sobre salários e sobre atratividade de profissionais, mas é preciso ver que há lugares com salários altos e qualidade baixa. Enquanto a mentalidade ficar prisioneira de mais recursos financeiros, estaremos colocando crianças em espaços que não são adequados.

A educação infantil já está recebendo investimento maior, mas sem um referencial correto para o desenvolvimento dos alunos. Deveríamos fazer investimentos mais inteligentes, com uma organização orçamentária mais eficiente. O modelo do Fundeb (*Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica*) provoca gastos inadequados devido ao excesso de arrecadação no final do ano, forçando improvisação para recursos inesperados, sem possibilidade de planejamento. As universidades públicas são desincentivadas a buscar financiamento fora do setor público, amarrando o desempenho apenas aos recursos públicos.

## VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO É FUNDAMENTAL

Temos um problema anterior: precisamos melhorar a autoestima da categoria. Começa aí o desincentivo dos jovens para a carreira do magistério. A questão salarial é importante, mas o clima criado pelos professores para diminuir a própria profissão não decorre só do fator financeiro. A nova carreira de professor em São Paulo, por exemplo, oferece salário inicial mais alto que 92% da população do estado recebe. Mesmo assim, faltam professores, porque não há jovens querendo a profissão. Formamos mal o professor; ele chega à sala de aula sem saber o que fazer, em uma escola sem encanto, e se dedica a falar mal da

carreira que escolheu. Ao ouvirem isso, os jovens pensam “*não vou querer essa vida para mim*”.

Uma enfermeira sofre a falta de condições, inclusive salarial, mas não fica todos os dias dizendo que é muito difícil ser enfermeira. Ela mantém a chama e o status da profissão. A consequência é haver grande número de jovens querendo ser da área da saúde, mas não temos esse número querendo ser da área de educação. A valorização não pode ser resumida a salário; tem que ser algo muito mais amplo.

É claro que é parte importante da valorização, mas não pode ser somente esse aspecto. Quando olhamos para os países mais desenvolvidos, há uma valorização do professor, independentemente do salário. A Finlândia, que é modelo, não paga um salário alto, se comparado com o resto das profissões, mas o respeito e o reconhecimento da sociedade finlandesa aos educadores são assustadoramente maiores do que ocorre no Brasil. Atraímos poucos, e não atraímos os talentos.

Há décadas, ou séculos, desincentivamos a atração de talentos para a carreira do magistério e fazemos uma formação de péssima qualidade para os professores, totalmente descolada da necessidade daquilo que está acontecendo dentro da sala de aula. O pedagogo é o responsável pelos primeiros mil dias de uma criança, essenciais

no seu desenvolvimento. Ele se responsabiliza pela educação infantil, pela alfabetização, por português, matemática, história, enfim, por tudo que é ensinado do primeiro ao quinto ano. Na maioria dos cursos, ele não estuda neurociência e não sabe como a criança aprende. A maioria dos nossos cursos universitários não se preocupa com essa questão óbvia.

A primeira grande ação para melhorar a educação é atrair talentos para o magistério. Se ela não é prioridade, a partir de um plano de nação, obviamente não vamos conseguir atraí-los. Não corrigiremos isso em menos de uma década, porque teremos que mudar os cursos de nível superior. Um dos temas mais centrais para as próximas décadas é fazer a reforma no ensino superior, especialmente nas licenciaturas e pedagogias. Para piorar o quadro, a EAD (*Educação a Distância*) agora é adotada para tudo, sem a seriedade necessária para esse modelo. Virou um *business*, sem preocupação com a qualidade, e as universidades públicas não têm capacidade para gerar a quantidade de profissionais de que necessitamos.

Precisamos recuperar a essência do que é ser professor com formação dirigida à sala de aula. A reforma na formação dos nossos profissionais precisa desenvolver uma nova cultura com autoestima, para superarmos as consequências de uma geração falando das amarguras, em vez de incentivos à grandeza da profissão. Devemos colocar isso no nível

A primeira grande ação para melhorar a educação é atrair talentos para o magistério. Se ela não é prioridade, a partir de um plano de nação, obviamente não vamos conseguir atraí-los.

de prioridade mais elevado no nosso debate político, acima de qualquer partido, para entrar em uma centralidade de prioridade, independentemente de quais sejam os próximos governantes.

Somos um país que cada vez mais tem colocado os talentos no lugar errado. Todo mundo entende que seria um absurdo colocar o talento do Neymar em um time de basquete, mas na educação fazemos isso o tempo todo: colocamos um garoto bom em matemática em outra área. Assim, perdemos talentos. Está na hora de a educação apostar na vocação e no talento dos nossos jovens, dando protagonismo a eles. Essa é a transformação de que o Brasil precisa. E isso tudo passa pelo bom professor, bem remunerado, bem-preparado, incentivando nossos jovens.

## CONSTRUTORES DE MENTES

*Qualquer povo que deseje caminhar para um destino melhor deve ter claro que o futuro estará nas mãos das crianças de hoje e que elas são formadas por seus professores. Por isso, como bem acentua o ex-ministro da Educação **Rosseli Soares**, nada é mais importante para o futuro do país do que a boa formação dos professores.*

*Apesar do quadro trágico que caracteriza a carreira e o desânimo do magistério, ainda temos 200 mil professores que carregam heroicamente, embora não satisfatoriamente, a educação de mais de 50 milhões de crianças em idade escolar. Sem eles, o Brasil seria um deserto de ideias e perspectivas. Os próprios professores de hoje raramente se alegram quando seus filhos dizem optar pela carreira do magistério. É preciso que, ao nascer uma criança, seus pais digam orgulhosos: "Este, ao crescer, vai ser professor". Esta seria a grande ruptura do terceiro centenário em relação aos 200 anos passados. A mãe de todas as demais rupturas.*

*Para tanto, será necessário que as frágeis carreiras municipais e estaduais sejam substituídas por uma robusta carreira nacional de magistério, com elevado salário e dedicação exclusiva à escola onde estiver assignado, sujeito a consequentes avaliações periódicas. Uma condição preliminar é oferecer um excelente salário para atrair os melhores talentos à carreira de magistério; fazer uma revolução no ensino universitário dirigido às especialidades do magistério, comprometendo a formação para o exercício do ensino; garantir formação continuada e acrescentar vantagens e posturas sociais que demonstrem o máximo de respeito ao professor.*

*Poucos indicadores são mais enfáticos na origem da fragilidade de nossa educação do que na comparação das notas para ingresso no ensino superior, conforme o curso escolhido. Os alunos que optam por pedagogia são os que têm menor pontuação, enquanto o curso de medicina apresenta a maior nota (813,40) para o aluno que busca vaga no SISU (Sistema de Seleção Unificada) nas universidades públicas. O curso de pedagogia tem a menor nota (591,89).*



9 788579 573200 >



Confederação Nacional da Indústria  
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA